

## ADJUNTO ADVERBIAL: TEORIA, ENSINO E ANÁLISE

*Maria de Fátima Barreto Lisboa* (UFOP)  
[mfblisboa@yahoo.com.br](mailto:mfblisboa@yahoo.com.br)

*Clézio Roberto Gonçalves* (UFOP)  
[cleziorob@gmail.com](mailto:cleziorob@gmail.com)

*Rosângela Maria Zanetti* (UFOP)

### **1. Introdução**

Por acreditar-se que a língua é a forma mais eficaz de ampliação das percepções sobre o mundo, é a ponte que mantém o contato com as mais variadas manifestações culturais, é o instrumento que permite conhecer e praticar formas de expressão e por pensar-se que dominando nossa língua e nossa cultura os papéis sociais como cidadãos e profissionais são fortalecidos. Nesta pesquisa, percebe-se que estudar gramática e suas diferentes formas de abordagem em sala de aula é mais que decorar regras, é refletir sobre a gramática e também pôr a língua em funcionamento. Assim, este estudo discute a diversificada classificação e definições que o adjunto adverbial recebe. Optou-se por analisar fontes confiáveis, como as gramáticas e também questionários respondidos por docentes de escolas das redes: pública e privada do município de Ouro Preto. As gramáticas, que serão utilizadas neste trabalho, apresentam diversos focos de estudo, algumas são voltadas para a área acadêmica, outras para o ensino escolar e outras para concurso público.

Leite (2007) apresenta a importância do estudo gramatical e diz que a gramática é de fundamental relevância, desde as primeiras publicações. As gramáticas são reconhecidas como fonte confiável para o uso da língua, ferramenta de preservação da tradição, de fixação de determinadas normas e etapas da língua escrita literária. Além disso, a autora reserva parte de sua obra para reafirmar a importância cultural da gramática: “[...] a gramática sempre foi relevante, do ponto de vista cultural e científico, por seu papel tanto no âmbito dos estudos linguísticos quanto no do ensino.” (LEITE, 2007, p. 48-49).

A interface proposta entre a morfossintaxe – seção da gramática que estuda os morfemas gramaticais relativamente à função sintática – e o ensino está embasada em dados históricos e está explícito na obra de Marli Quadros Leite. A autora fala sobre a importância histórica entre a gramática e o ensino: “A história, portanto, revela que a gramática e o

ensino mantiveram relação simbiótica. Na Antiguidade, um dos fatores determinantes para o desenvolvimento da reflexão linguística foi o ensino.” (LEITE, 2007, p. 49).

Todavia, o vocábulo “estatuto”, propõe ao leitor que, mesmo com a amplitude de classificações e definições, ora voltada para a sintaxe, ora para a morfologia, ora para a semântica, o termo adjunto adverbial possui certo regulamento.

O objetivo geral é analisar a concepção de adjunto adverbial em gramáticas e livros didáticos de língua portuguesa, e os objetivos específicos são: a) descrever o conceito de adjunto adverbial apresentado em gramáticas de língua portuguesa; b) descrever a classificação de adjunto adverbial proposta por gramáticas de língua portuguesa; c) verificar o comportamento de professores do ensino fundamental no processo ensino-aprendizado de língua portuguesa sobre adjunto adverbial.

Abordar o presente tema implica não somente enumerar as classificações, entrar em discussões favoráveis ou contrárias, mas sim verificar como um assunto tão divergente quanto à sua classificação é abordado por professores do ensino fundamental, período em que esse estudo sintático é proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Para o desenvolvimento deste trabalho, buscaram-se gramáticas de língua portuguesa, não se limitando com a finalidade e o público para o qual elas se destinam. Observa-se que houve preocupação em pesquisar gramáticas de cunho diverso voltadas para as seguintes áreas: *acadêmica – Gramática Superior da Língua Portuguesa*, de José Augusto Carvalho, *escolar – Gramática Reflexiva: texto, semântica e interação*, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, e gramáticas direcionadas para *concursos públicos – Gramática Objetiva da Língua Portuguesa*, de Renato Aquino. As datas de publicação dessas obras, que são referência para o estudo da língua materna, são as três décadas mais próximas da atual, inclusive a de 2000. Acredita-se, que são esses períodos que servem de referência para o estudo da língua nas escolas. Tanto essa bibliografia, como as demais, utilizadas nesta pesquisa, de certa forma, foi utilizada na formação dos docentes entrevistados. Além disso, muitos deles citaram em entrevista, realizada por meio do questionário, que utilizam as fontes gramaticais, aqui, neste trabalho, observadas, como fonte de pesquisa e apoio em sala de aula.

Para a escolha das escolas, foram selecionadas as do município de Ouro Preto, com o intuito de facilitar o contato e a busca de dados por

parte da pesquisadora deste trabalho. O modo de seleção foi por sorteio, tendo tido preocupação em obter um representante da rede privada e duas da rede pública (estadual e municipal). Cabe salientar aqui que a estância federal não foi analisada pelo fato de não apresentar ensino fundamental II, ciclo em que se estuda o termo pesquisado.

Quanto ao número de professores, procurou-se entrevistar todos aqueles que lecionam na série em que introduz e estuda o assunto adjunto adverbial, por isso o número de docentes entrevistados não seguiu certa regularidade: na rede privada, têm-se três informantes, já, na pública, dois para cada rede pública, totalizando sete entrevistados.

## 2. *Fundamentação teórica*

Considerando-se o conceito e a classificação dos adjuntos adverbiais nas gramáticas normativas e pedagógicas, apresentam-se, a seguir, alguns exemplos de como esse fenômeno linguístico vem sendo tratado pelos gramáticos.

Embora muito criticado por ser tradicionalista, radical e autoritário com relação à língua portuguesa, Napoleão Mendes de Almeida foi um dos mais significativos e atuantes gramáticos e filólogos da língua portuguesa no século XX. Segundo Almeida (1988, p. 432),

o adjunto adverbial, portanto, não é exigido pelo verbo; é um complemento accidental, e, não essencial; é, enfim, um termo acessório da oração, que modifica o verbo, o adjetivo ou o próprio advérbio. Numa palavra, adjunto adverbial é, em análise sintática, o que é o advérbio ou locução adverbial na morfologia.

Em sua *Gramática Metódica da Língua Portuguesa* (1988, p. 433-434), o gramático e filólogo apresenta quinze classificações para o termo, adjunto adverbial, a saber: “lugar; tempo; modo; companhia; causa; matéria; instrumento ou meio; preço; fim; oposição; intensidade; afirmação; dúvida; negação; argumento.” O autor, cuidadosamente, em nota de pé de página, deixa em aberto a classificação dos adjuntos adverbiais, ele afirma que

há ainda outras espécies de adjuntos adverbiais, mas o nome dessas espécies e coisa fácil de encontrar, porque depende da ideia, da circunstância que o adjunto indica. O essencial é saber o aluno que o adjunto adverbial sempre modifica ou um adjetivo ou um verbo ou um advérbio ou uma locução ou uma oração inteira. Com esse cuidado, é fácil ver se o adjunto adverbial, no modificar, indica *lugar, tempo... medida, valor, inclusão, exclusão* etc. (ALMEIDA, 1988, p. 434-435)

Nessa mesma concepção, o gramático Renato Aquino (2007), em sua obra denominada *Gramática Objetiva da Língua Portuguesa*, classifica 22 tipos de adjunto adverbial, e Sacconi (1994) elenca mais tipos do que ele. Aquino assim define o termo sintaticamente: “É o termo que se liga ao verbo, adjetivo ou advérbio, atribuindo-lhes uma circunstância qualquer (...)”. Além dessa definição, o gramático faz duas ressalvas:

1ª) Os advérbios em geral são palavras que se ligam, na frase ao verbo, Os que foram destacados nas três frases modificam, respectivamente, um verbo (chorava), um adjetivo (nervosa) e um advérbio (bem). Geralmente o advérbio que se liga, além do verbo, ao adjetivo e a outro advérbio é o de intensidade. 2ª) A palavra que pode ser um adjunto adverbial de intensidade, pois, em frases exclamativas, acompanhando adjetivo, ele é um advérbio de intensidade: Que bela estava a montanha! (AQUINO, 2007, p.180). 1ª) O adjunto adverbial pode ser apresentado por um advérbio, uma locução adverbial, um pronome relativo ou uma oração subordinada adverbial [...] 2ª) O adjunto adverbial pode aparecer com qualquer tipo de verbo, inclusive o de ligações [...] (AQUINO, 2007, p. 182).

Por sua vez, Azeredo (2010, p. 284-285) chama

adjunto verbal à função do sintagma adverbial que pertence ao SV. Este lugar restringe sua mobilidade no interior da oração. Pode-se perceber a diferença entre o adjunto oracional e o adjunto verbal comparando o funcionamento do advérbio normalmente – que pode ser uma coisa ou outra. Semanticamente, o adjunto verbal pode referir-se ao significado do verbo como: a) uma característica da ação ou do agente (adjuntos verbais de modo e de intensidade); b) uma época ou um lugar reconhecível pelos interlocutores relativamente ao momento ou ao espaço em que acontece a enunciação (adjuntos verbais dêiticos de tempo e de lugar); c) uma época ou um lugar reconhecível pelos interlocutores relativamente a um ponto de referência instaurado no próprio discurso ou texto (adjuntos verbais textuais [endofóricos] de tempo e de lugar); d) uma época ou um lugar indefinido, percebidos como polos de um ponto de referência arbitrário partilhado pelos interlocutores (adjuntos verbais polares de tempo e de lugar); e) a frequência/ duração do processo verbal (adjuntos verbais aspectuais); f) a causa ou a coparticipação (companhia, meio, instrumento) no processo verbal (adjuntos verbais de causa e de coparticipação); g) o termo, a direção ou a finalidade do processo verbal (adjuntos verbais de direção e de finalidade).

Segundo Azeredo, a existência de determinados adjuntos verbais é supérflua, conforme se observa:

Alguns advérbios e locuções adverbiais que exercem a função de adjuntos verbais acrescentam redundantemente seu sentido a certos verbos, com os quais formam expressões cristalizadas de amplo uso coloquial: *cortar fora*, *deixar para trás*, *voltar atrás* (= mudar de opinião), *levar a sério*, *trazer de volta*, *pedir de volta*, *passa adiante* etc. (AZEREDO, 2008, p. 287)

Ainda que, interessado, assim como outros, pelo estudo da língua materna, sua obra é inovadora, capaz de absorver trabalhos modernos. Os exemplos adotados em sua gramática fogem àqueles que eram usados antes por autores brasileiros, jornalistas, cronistas, ensaístas, ficcionistas e poetas.

Em 2009 temos a *Moderna Gramática da Língua Portuguesa* de Evanildo Bechara, que reserva grande parte de sua obra para tratar sobre o assunto em foco e o define em tópicos. Cabe, ainda, ressaltar que Bechara destaca que há uma vasta classificação do adjunto adverbial, mas o autor se detém apenas aos principais. Então, fica a questão sobre o que é considerado principal, quando o assunto é adjunto adverbial e, dessa maneira, Bechara inicia, em sua mais nova gramática, afirmando que há

os principais tipos de adjuntos adverbiais – O adjunto adverbial constitui uma classe muito heterogênea – à semelhança do advérbio que normalmente desempenha o papel de seu núcleo – não só do ponto de vista formal como ainda do ponto de vista de valor semântico. Tal fato leva a que constantemente esteja a não delimitar com nitidez as fronteiras com outras funções sintáticas – conforme aqui mesmo já assinalamos – e com conteúdos de pensamento designado vizinhos. Diante de tão vasta amplitude, fixar-nos-emos nos principais adjuntos adverbiais, detendo-nos aos aspectos mais interessantes à descrição gramatical e aos esquemas com que se representam tais funções nas circunstâncias concretas do discurso [PD.1, 30]. a) Adjuntos adverbiais de lugar; b) Adjuntos adverbiais temporais; c) Adjuntos adverbiais modais; d) Adjuntos adverbiais de fim, de causa, de instrumento e de companhia; e) Adjuntos adverbiais de quantidade; f) Adjuntos adverbiais de distribuição; g) Adjunto adverbial de inclinação e oposição; h) Adjunto adverbial de substituição, troca ou equivalência; i) Adjunto adverbial de campo ou aspecto; j) Adjunto adverbial de assunto ou matéria tratada; k) Adjunto adverbial de adição ou inclusão e concessão. (BECHARA, 2009, p. 439-449)

Jésus Barbosa Souza, juntamente, com Samira Yousseff Campedelli, publica a gramática intitulada *Gramática do Texto: Texto da Gramática* e, embora eles digam na apresentação que a obra não tem o objetivo de ensinar a língua nos moldes tradicionais, mas nortear a escrita de forma leve e agradável, os autores listam cerca de dezessete tipos de adjunto adverbial, assim como os gramáticos mais tradicionais. Verifica-se, então, que:

Adjunto adverbial é o termo da oração que funciona como advérbio, denotando a circunstância da ação do verbo, do adjetivo ou de outro advérbio. O adjunto adverbial pode ser classificado segundo as circunstâncias que expressa. Assim, fica difícil enumerar todas as possibilidades existentes. Eis algumas: afirmação, assunto, causa, companhia, concessão, condição, conformidade, dúvida, finalidade, frequência [*sic*], instrumento, intensidade, lugar, matéria, modo, negação, tempo. Devem ser aceitas todas as classificações que de-

monstrarem coerência quanto à circunstância que o adjunto adverbial expressar. (CAMPEDELLI; SOUZA, 1999, p. 292-294)

Acrescenta-se por outro lado, *Gramática Superior da Língua Portuguesa*, de José Augusto Carvalho, de 2007, que se destina aos estudantes de nível superior. Nessa obra, o autor pretende apresentar questionamentos, discussões, observações mais ousadas, contestações e pontos polêmicos. Carvalho deixa claras essas intenções na introdução de sua obra. Quanto ao assunto sintático, Carvalho destina uma página inteira para definir o que vem a ser adjunto adverbial: “Adjunto adverbial é o termo que exprime variadas circunstâncias: de modo, de causa, de dúvida, etc. A circunstância pode ser expressa por um advérbio, por uma locução adverbial [...]” Além dessa definição, Carvalho salienta:

Há certos verbos cuja regência implica sempre uma ideia de circunstância. Nesses casos, embora o comportamento se assemelhe a um objeto indireto, por integrar o sentido do verbo, a análise mais adequada é considerar esse comportamento como adjunto adverbial e o verbo como intransitivo: “Vou a Guarapari.” “Cheguei ao Rio de Janeiro.” “Saí da sala.” “Entre no quarto.” (CARVALHO, 2007, p. 388)

Não apenas preocupado com as definições preliminares, mas com as distinções entre adjuntos adverbiais e predicativos, Carvalho chama a atenção para um fato que não foi observado em nenhuma das gramáticas aqui mencionadas:

[...] distinguem-se dos predicativos porque estes, embora exercendo função substantiva, são quase sempre adjetivos. A distinção, contudo, é, às vezes, difícil, e só o contexto pode ajudar. “Ele trabalha só à noite”, há duas possibilidades da análise. Se *só* é equivalente a *sozinho*, é predicativo. Se *só*, é equivalente a *somente*, *exclusivamente*, é adjunto adverbial de exclusão. (CARVALHO, 2007, p. 388)

Para o autor dessa gramática, essa distinção é importante, pelo fato de se ter predicados diferentes. Toma-se o exemplo novamente, “Ele trabalha só à noite”, em que a palavra *só* equivale a *sozinho*, tem-se predicado verbo-nominal, já quando a palavra *só* equivale a *somente*, *exclusivamente*, tem-se predicado verbal. Carvalho também diz sobre uma questão da língua portuguesa que gera muitas dúvidas, a concordância.

Além disso, há problema da concordância: se o sujeito for para o plural, *só* irá para o plural apenas se for predicativo [...]. Embora não obrigatória, a vírgula pode ajudar na interpretação. Na frase 1, *só* a expressão à noite pode ser deslocada para o início (“À noite, eles trabalham sós.”); na frase 2, a expressão “*só* à noite” é que é deslocável (“*só* à noite eles trabalham.”). (CARVALHO, 2007, p. 388)

Observa-se a compilação de vinte tipos de adjuntos adverbiais, elencados por esse autor, mas ele salienta que “há ainda outros adjuntos adverbiais, como: de situação, de afastamento, de aproximação, de compensação, etc.” E que “a análise dos adjuntos adverbiais é frequentemente ditada pela semântica.” (CARVALHO, 2007, p. 389).

Em uma perspectiva diferente da mencionada anteriormente, tem-se a *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*, popularmente conhecida como Gramática do Cegalla, de 2008, destinada a um público amplo, ou seja, tanto para estudantes do nível primário quanto para o nível secundário. Nela, o autor elenca nove tipos de adjuntos adverbiais, a saber: lugar, modo, tempo, intensidade, causa, companhia, meio, assunto, negação, etc. e o define sintaticamente:

adjunto adverbial é o termo que exprime uma circunstância (de tempo, lugar, modo, etc.) ou, em outras palavras, que modifica o sentido de um verbo, adjetivo ou advérbio. [...] O adjunto adverbial é expresso pelos advérbios, pelas locuções ou expressões adverbiais. (CEGALLA, 2008, p. 364)

Apesar de classificar o adjunto adverbial, Cegalla rebate a Nomenclatura Gramática Brasileira – NGB por não classificar os adjuntos adverbiais “A NGB, porém, não dá nenhuma classificação dos adjuntos adverbiais.” (CEGALLA, 2008, p. 364).

Para William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, as classificações de adjuntos adverbiais resumem-se a onze, e ele pode ser representado por advérbios, locução adverbial e oração adverbial. Assim eles definem o termo como sendo “[...] termo que, essencialmente, modifica o verbo, indicando as circunstâncias em que se dá a ação verbal.” (CEREJA; MAGALHÃES, 1999, p. 225). Além disso, Cereja e Magalhães dizem que alguns adjuntos adverbiais, além de acompanhar o verbo, podem acompanhar substantivos, adjetivos e advérbios, esse adjunto adverbial é o de intensidade. Vejam os exemplos da observação anterior, retirados da *Gramática Reflexiva: texto, semântica e interação*, assim denominada pelos autores, “Ele é *muito* homem.” “Estou *muito* cansado.” “Ela mora *tão* longe.”. Nesses exemplos fica claro o que os autores dizem sobre a possibilidade do adjunto adverbial de intensidade vir acompanhando um substantivo, ou adjetivo, ou advérbio.

Por outro lado tem-se, Cipro Neto e Infante apresentando a dificuldade que se pode ter, descartando-se o contexto, no momento da classificação do adjunto adverbial Os autores propõem a oração “Entreguei-me *calorosamente* àquela causa.”, cujo termo sublinhado é de difícil classificação. Não se sabe, ao certo, se se trata de adjunto adverbial de

modo ou de intensidade. Além de Rocha Lima, também esses dois autores, que publicaram a *Gramática da Língua Portuguesa*, mencionam a importância da preposição, que implica alteração de significado na circunstância expressa pelo adjunto adverbial. Os exemplos apresentados pelos gramáticos são: “Estão voltando de casa”, “Estão voltando para casa”, “Fui ao cinema” e “Fui ao cinema sem eles”. Verificam-se, a seguir, a definição e classificação que os autores apresentam.

Como o nome já diz, o adjunto adverbial é essencialmente um modificador do verbo. Seu papel básico é indicar as circunstâncias em que se desenvolvem o processo verbal (ideia de tempo, lugar, modo, causa, finalidade, etc.) ou intensificar um verbo, um adjetivo ou um advérbio. A semelhança entre esse conceito e o de advérbio, que você estudou nos capítulos sobre Morfologia, não é gratuita, já que o adjunto adverbial é uma função adverbial da oração, ou seja, é uma função desempenhada por advérbios e locuções adverbiais. [...] Algumas das circunstâncias que os adjuntos adverbiais podem expressar: afirmação, dúvida, fim, finalidade, meio, companhia, concessão, assunto, condição, instrumento, causa, intensidade, lugar, tempo, modo e negação. (CI-PRO NETO; INFANTE, 1999, p. 394-396)

É necessário mencionar Celso Cunha e Luís Fernando Lindley Cintra que, no prefácio da *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (a mais nova obra de ensino de língua portuguesa dessa parceria), ressaltam a preocupação em descrever o português atual na sua forma culta. “Não descuramos, porém, dos fatos da linguagem coloquial, especialmente ao analisarmos os empregos e os valores afetivos das formas idiomáticas.” Percebe-se que os autores têm ciência da evolução da língua, da flexibilidade, das mudanças que são passíveis e reais de ocorrer, mas não deixam de salientar que o embasamento para a produção dessa obra é a norma culta. Para Cunha e Cintra,

adjunto adverbial é, como o nome indica, o termo de valor adverbial que denota alguma circunstância do fato expresso pelo verbo, ou intensifica o sentido deste, de um adjetivo, ou de um advérbio. O adjunto adverbial pode vir representado por: a) advérbio; b) por locução ou expressão adverbial; c) por oração adverbial. (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 165)

Cientes de que a língua é flexível e inovadora os autores expõem a difícil tarefa de listar os tipos de adjuntos adverbiais que dizem ser

difícil enumerar todos os tipos de adjuntos adverbiais. Muitas vezes, só em face do texto se pode propor uma classificação exata. Não obstante, convém conhecer os seguintes: a) de causa; b) de companhia; c) de dúvida; d) de fim; e) de instrumento; f) de intensidade; g) de lugar aonde; h) de lugar onde; i) de lugar donde; j) de lugar para onde; l) de lugar por onde; m) de matéria; n) de meio; o) de modo; p) de negação q) de tempo. (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 166-169)

Assim como Rocha Lima, Carlos Emílio Faraco e Francisco Maroto Moura explicitam a difícil tarefa de enumerar todos os tipos de adjuntos adverbiais. Embora saibam disso, os autores de *Gramática*, classificam alguns tipos de adjuntos adverbiais: de causa, companhia, condição, dúvida, finalidade, instrumento, intensidade, lugar, meio, modo, negação e tempo. Ademais, Faraco e Moura (2005, p. 460) dizem que “O adjunto adverbial pode ser expresso por: a) advérbio; b) locução adverbial; c) oração; d) pronome oblíquo.” No caso do pronome oblíquo, nota-se que esses gramáticos, dentro das gramáticas analisadas nesta pesquisa, são os únicos que fazem menção para o adjunto adverbial expresso por pronome oblíquo, “Fique *comigo*.” Não apenas, inovando com isso, eles transparecem para os leitores que um adjunto adverbial pode expressar mais de uma circunstância como em: “Moramos *longíssimo* daqui”, em que o termo em destaque expressa situação de lugar e de intensidade.

Todavia, a definição, sobre adjunto adverbial, usada por Faraco e Moura, se resume como “[...] é o termo da oração que indica uma circunstância do fato expresso pelo verbo ou intensifica o sentido do verbo, do adjetivo e do advérbio. O adjunto adverbial exerce, portanto, a função de modificador e de intensificador.” (FARACO & MOURA, 2005, p. 459)

Giacomozzi *et al.*, autores de *Estudos de Gramática* de 1999, definem o termo em questão da seguinte maneira: “Adjunto adverbial é o termo que exprime circunstâncias de modo, lugar, tempo, intensidade..., modificando o verbo e, mais raramente, o adjetivo ou o advérbio.” Cientes, também, da vasta classificação que o termo possui, os autores relacionam algumas circunstâncias que o adjunto adverbial pode exprimir e, dessa forma, obtêm-se, assim como Cereja e Magalhães, onze tipos.

Celso Pedro Luft, autor de dicionários de regência verbal e nominal, não reserva grande parte de sua obra, *Moderna Gramática Brasileira*, de 1979, para tratar sobre o assunto em questão, mas, dentre as outras obras analisadas, é o único que chama à atenção para o fato do agente da passiva exercer, sintaticamente, a condição de adjunto adverbial. Ele assim define adjunto adverbial:

termo que se anexa ao verbo, ao adjetivo ou ao advérbio, ou a toda uma oração ou período: *escutar [atentamente / com toda a atenção]; [muito/ extraordinariamente] perspicaz; [bem/ muito] longe; [hoje/ na próxima semana], todos os alunos terão exames; [certamente], os nossos colegas aceitarão as emendas.* Pode ser expresso por um Sintagma Preposicional (Preposição + Sintagma Substantivo: *ler [com atenção]*), por um Sintagma Adverbial ou Advérbio (*volta [amanhã de manhã / amanhã]*), por uma oração adverbial (*estuda*

[quando lhe apraz], bebe [mais do que come]). Entre os adjuntos adverbiais, ao lado dos de causa, instrumento, etc., inclui-se o agente da passiva. Observação: – “Agente da passiva” é uma classificação semântica. Sintaticamente, é um “adjunto adverbial”. (LUFT, 1979, p. 43 – 44)

Além de controversa, a tarefa de classificação do adjunto adverbial, Rocha Lima não deixa de salientar, em sua *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, a importância da preposição que pode estabelecer diferentes classificações e, até mesmo, dificultar a interpretação. É o caso da preposição introdutória “de” que pode conferir diversas interpretações:

assunto: Falar *da vida alheia*.  
causa: Morreu *de sede*.  
meio: Vive *do trabalho*.  
modo: Olhou-me *de esquelha*.  
procedência: Descender *de família nobre*.

(ROCHA LIMA, 1972, p. 228)

Dessa maneira, Carlos Henrique da Rocha Lima (1972), define adjunto adverbial como sendo “o termo que modifica o verbo, exprimindo as particularidades que cercam ou precisam o fato por este indicado. É expresso por um advérbio ou por uma expressão adverbial”. (ROCHA LIMA, 1972, p. 227)

Logo, em seguida, o autor elenca vários tipos de adjuntos adverbiais e considera, como subclasse, o adjunto adverbial de lugar, conforme se observa.

Eis outros exemplos de adjuntos adverbiais, encabeçados por variadas preposições, ou locuções prepositivas: assunto, causa, companhia, concessão, concomitância, condição, conformidade, favor, fim, instrumento, meio, modo, oposição, preço, quantidade e tempo. Apreciemos à parte a circunstância adverbial de lugar (uma das mais frequentes), por oferecer subclassificações de que convém tomar conhecimento: lugar onde, lugar aonde, lugar por onde, lugar para onde e lugar donde. (ROCHA LIMA, 1972, p. 228-229)

Cabe também salientar que Carlos Henrique da Rocha Lima, também integrou-se, junto a outros professores, como Antenor Nascentes, Clóvis do Rego Monteiro, Cândido Jucá (Filho), na Comissão que visava à uniformização e simplificação da língua da Nomenclatura Gramatical Brasileira – NGB, no ano de 1958, designada na Portaria Ministerial número 152/57, sob a direção do ministro Clóvis Salgado para então tentar resolver o problema da falta de padronização da nomenclatura gramatical.

Já na concepção de Luiz Antonio Sacconi, as classificações ganham mais espaço e chegam a vinte e sete, mas ele nos diz que não há adjuntos adverbiais de afirmação e nem de negação, diferentemente de alguns outros gramáticos aqui apresentados. Segundo ele, “em rigor, não existem adjuntos adverbiais de afirmação nem de negação. Os elementos de afirmação e os de negação se classificam melhor entre as palavras e locuções denotativas (v.).”.

Para Sacconi, a definição do termo assim se delimita:

Adjunto adverbial é o termo de valor adverbial que gravita quase sempre em torno de um verbo. Observação: Em *adjunto adverbial* também há concorência de prefixos que transmitem a mesma ideia; nesse caso tal acúmulo, porém, faz-se necessário a fim de se evitar conceituação diversa; de fato, a se a NGB optasse por adjunto verbal, a expressão poderia levar à compreensão de que tal tipo de adjunto só modificasse verbo. Por analogia com *adjunto adverbial* é que se adotou a outra denominação, já comentada, *adjunto adnominal*. (SACCONI, 1996, p. 321)

Conforme se vê, o propósito de se apresentar um número considerável de conceitos distintos para adjuntos adverbiais é para mostrar que é possível fazer um estudo minucioso sobre a questão, uma vez que é pouco consensual na literatura vigente ter uma definição e, sobretudo, classificação do adjunto adverbial que caminha para uma mesma direção.

### **3. Procedimentos metodológicos**

O presente trabalho utilizou como método uma abordagem qualitativa e como instrumento para coleta de dados, um questionário, no qual se procurou identificar quais percepções sobre o processo de ensino-aprendizagem são reveladas pelos docentes investigados. Além disso, buscaram-se, em gramáticas de quatro décadas, 1970, 1980, 1990 e 2000, informações sobre as definições e as classificações do termo sintático.

#### **3.1. Amostra**

Dezessete gramáticas tradicionais, de décadas variadas, foram selecionadas e analisadas. Com o intuito de melhor visualização para o leitor, elaborou-se um quadro com a bibliografia e seus respectivos anos de publicação. Além disso, foi possível verificar, por meio de questões pré-elaboradas, como se comportam os professores de língua portuguesa di-

ante do ensino de adjunto adverbial. Dentre as catorze questões que foram direcionadas aos docentes, oito se referem ao ensino do adjunto adverbial, já as demais são de natureza pessoal.

### 3.2. Perfil dos Informantes

Com base no questionário aplicado e respondido pelos professores, foram obtidas tanto informações pessoais quanto profissionais. Para identificarmos os professores que colaboraram com as informações, optou-se pelas iniciais de seus nomes, separados por pontos. Observa-se que a maioria dos profissionais entrevistados formou-se pelo Instituto de Ciências Humanas e Sociais desta Universidade na modalidade licenciatura plena e apenas um, na modalidade bacharelado em estudos literários.

## 4. Análise dos dados

Os dados obtidos nas gramáticas foram analisados, sem descartar as notas, com o intuito de apresentá-los de forma objetiva, concisa e clara. Partindo do conceito dado por cada autor ao termo sintático, tecem-se, a seguir, alguns comentários a esse respeito.

Inicialmente, ressalta-se que muitos dos gramáticos aqui selecionados citam a tênue ligação existente entre o termo sintático e o termo morfológico, denominado advérbio.

Didaticamente, agrupam-se os autores de gramáticas aqui investigadas que conceituaram o termo sintaticamente, percorrendo uma linha de raciocínio próxima, são eles: Almeida (1988), Aquino (2007), Campedelli e Souza (1999), Cegalla (2008), Cereja e Magalhães (1999), Cipro Neto e Infante (1999), Cunha e Cintra (2008), Faraco e Moura (2005), Giacomozzi *et al.* (1999), Luft (1979), Rocha Lima (1972), Sacconi (1996) e Terra e Nicola (1993). Para esses treze gramáticos, dos dezessete analisados, a linha de conceituação do termo sintático se restringe ao fato de o termo ser uma palavra modificadora do verbo, adjetivo e, até mesmo, do próprio advérbio. A título de exemplificação, fazem-se quatro recortes, de décadas diferentes, de algumas definições: “Termo que se anexa ao verbo, ao adjetivo ou ao advérbio, [...]” (LUFT, 1979, p. 193), “[...] um termo acessório da oração, que modifica o verbo, o adjetivo ou o próprio advérbio.” (ALMEIDA, 1988, p. 432), “termo de valor adverbial que gravita quase sempre em torno de um verbo.” (SACCONI, 1996,

p. 321) e “Adjunto adverbial [...] modifica o sentido de um verbo, adjetivo ou advérbio.” (CEGALLA, 2008, p. 364).

Além de detectar tal semelhança nos conceitos, é possível também verificar que a maioria dos gramáticos chama a atenção para a extensa lista de classificação do termo sintático. Considerando que a Nomenclatura Gramatical Brasileira não limita a quantidade de classificações de adjuntos adverbiais, muitos autores se preocupam em mencioná-las como:

- (1) “Há ainda outros adjuntos adverbiais [...]” (CARVALHO, 2007, p. 389).
- (2) “Há ainda outras espécies de adjuntos adverbiais [...]” (ALMEIDA, 1988, p. 659).

Já Aquino (2007, p.180) e Bechara (2009, p. 439) iniciam, respectivamente, sua lista de classificação com os títulos:

- (3) “Principais adjuntos adverbiais” e
- (4) “Os principais tipos de adjuntos adverbiais” o que leva o leitor a concluir que existem outras classificações.

Campedelli e Souza (1999, p. 293) explicitam também, antes da lista classificatória, com os seguintes dizeres:

- (5) “O adjunto adverbial pode ser classificado segundo as circunstâncias que expressa. Assim, fica difícil enumerar todas as possibilidades existentes. Eis algumas [...]”.

No mesmo ano, Cipro Neto e Infante e Giacomozzi *et al.* utilizam-se do pronome indefinido “algumas” no título do capítulo que trata dos adjuntos adverbiais para elencar as classificações do termo:

- 6) “Algumas das circunstâncias que os adjuntos adverbiais podem expressar” (CIPRO NETO; INFANTE, 1999, p. 395) e
- 7) “No quadro abaixo, estão relacionadas algumas circunstâncias que o adjunto adverbial pode exprimir.” (GIACOMOZZI *et al.*, 1999, p. 325).

Assim como Cunha e Cintra (2008, p. 166) dizem ao leitor ser

- 8) “[...] difícil enumerar todos os tipos de adjuntos adverbiais.”,

Faraco e Moura também salientam:

- 9) “É quase impossível enumerar todos os tipos de adjunto adverbial.” (FARACO; MOURA, 2005, p. 460).

Ao lado desses, tem-se Sacconi (1996, p. 321) que também chama a atenção do leitor para a ampla classificação de adjuntos adverbiais:

- 10) “Existem muitos tipos de adjunto adverbial, dentre os quais destacaremos estes [...]”.

Por fim, temos Terra e Nicola (1993, p. 157) destacando a ampla classificação do termo sintático:

- 11) “Vejam as circunstâncias mais comuns que os adjuntos adverbiais podem exprimir.”

Percebe-se, nessa mesma perspectiva de análise conceitual, que alguns dos gramáticos salientam sobre a importância da preposição e o poder que ela pode ter influenciando no sentido do adjunto adverbial, como diz Bechara (2009, p. 441): “Os diversos tipos de adjuntos adverbiais de tempo podem vir ou não introduzidos por preposição ou locução prepositiva; estas matizam o valor temporal [...]”. Cegalla (2008, p. 364) fala da possível supressão da preposição: “Pode ocorrer a elipse da preposição antes de adjuntos adverbiais de tempo e modo [...]”. Cipro Neto e Infante (1999, p. 396) ressaltam a importância do uso correto da preposição e que se, usada, erroneamente, poderá alterar o significado do adjunto adverbial “Estão voltando *de* casa; Estão voltando *para* casa”, esses são os exemplos apresentados pelos autores que desejam chamar a atenção dos leitores. Em 1979, p. 44, Luft diz que “Pode ser expresso por um sintagma preposicional (Preposição + Sintagma Substantivo: *ler* [com atenção] [...])”. Rocha Lima (1972, p. 227) também chama a atenção para a preposição introdutória, “[...] sabemos que uma só preposição pode estabelecer diferentes relações, como é o caso, por exemplo, da preposição *de* (que ocorre para dificultar a interpretação).” Enfim, Saviolli (1995, p. 19), último gramático dentre esses, assemelha-se na conceituação do termo: “Quanto à forma: liga-se a esses elementos com ou sem preposição.”

Apenas quatro gramáticos mencionam a subdivisão dentro da classificação do adjunto adverbial de lugar: Almeida (1988, p. 658): “onde: Andava à beira *da estrada*; donde: O avião vai sair *do campo de Marte*; por onde: Vim pelo *melhor caminho*; para onde: Vou *a cidade*.”; Bechara (2009, p. 440): “A característica de tais adjuntos é responder à pergunta *onde?*, precedido esse advérbio ou não de preposição que marca a designação circunstancial (*donde?*, *por onde?*, *aonde*, *até onde* etc.)”. Em seguida, Cunha e Cintra (2008, p. 167–168) elencam exemplos de adjuntos adverbiais de lugar *aonde*, de lugar *onde*, de lugar *donde*, de lugar *para onde* e de lugar *por onde*. Rocha Lima (1972, p. 229) também aprecia essa subclassificação e apresenta exemplos de adjuntos adverbiais

ais de lugar onde, de lugar aonde, de lugar por onde, de lugar para onde e de lugar donde.

A seguir, serão analisadas as entrevistas realizadas com os professores.

Cabe aqui ressaltar que as oito perguntas do questionário são de cunho pessoal, havendo manifestações e omissões por alguns. Serão descritos, de forma sucinta, os dados que obtivemos.

Quanto ao tempo de exercício da profissão, têm-se, na Escola Estadual Marília de Dirceu, J. A. C. e V. R. R., com quatro e vinte anos, respectivamente. Já, na Escola Municipal Monsenhor João Castilho Barbosa, M. A. F., leciona há dezoito anos e M. B. S. X., há treze anos e meio. Por fim, no Colégio Arquidiocesano de Ouro Preto, C. L. K. B. e F. C. S. R. lecionam há treze anos e D. C. F. há dezenove anos. Alguns desses professores descreveram no questionário que lecionam em mais de uma rede, ou seja, não há dedicação exclusiva a uma escola somente.

No que diz respeito à primeira questão apresentada aos docentes: “Você adota alguma gramática escolar para o ensino de língua portuguesa?”, apenas uma professora, da rede estadual, respondeu que sim, mas não mencionou o título nem autor. Uma das professoras da rede municipal, M. A. F., que leciona para o 7º ano da Educação para Jovens e Adultos – EJA, ressalta que não há material didático. Para os demais professores, a resposta obtida foi negativa, eles respondem dizendo que se apoiam apenas nos livros didáticos e apostilas que a escola adota. Para a segunda pergunta: “Você acha que é importante o ensino de sintaxe nas aulas de língua portuguesa, no 1º grau? Por quê?”, temos uma resposta unânime, todos afirmam ser importante o ensino de sintaxe. Três desses falam da importância de um ensino gramatical, de um ensino da sintaxe engajada no texto, ou seja, de um ensino da teoria da gramática contextualizada.

Sabendo que todas as questões são de cunho pessoal e que iriam acarretar respostas muito diversificadas, a terceira questão dependeu de uma reflexão sobre o aprendizado dos alunos e, pelo fato de traduzir a realidade escolar, verificou-se que não houve resposta totalmente afirmativa ou negativa. Veja: “Seus alunos têm dificuldade para aprender a classificação dos adjuntos adverbiais, segundo a Gramática Tradicional?” A professora da rede particular, D. C. F., foi a única a dizer que os alunos não apresentam dificuldades, já F. C. S. R. e C. L. K. B., também da escola particular, não responderam a tal pergunta. Os demais profissionais da educação descrevem que ora os alunos apresentam dificuldades ora

não. “Para você, como se deve ensinar adjunto adverbial aos alunos do 1º grau?”, essa foi a quarta questão, sendo que três dos sete professores entrevistados disseram que esse assunto deve ser ensinado por meio de textos, um deles disse que considera importante eles aprenderem a identificar as circunstâncias expressas, outra professora disse assim:

Em nosso material, no livro 1, falamos sobre circunstâncias (inicialmente modo, tempo e lugar). No livro 2 são introduzidos outros tipos e, a partir daí, explica-se a questão do conceito adjunto adverbial. Eu gosto de colocar uma oração simples e, juntamente com os alunos, vou acrescentando as circunstâncias e classificando. Acrescentando circunstâncias ao verbo, adjetivo e próprio advérbio. (D. C. F., 2011)

Por fim, duas professoras, M. A. F. e C. L. K. B., ambas da rede particular, não responderam a tal pergunta.

Com base na quinta questão apresentada aos sete docentes entrevistados: “Em qual gramática se apoiar para ensinar a classificação de adjunto adverbial?”: C. L. K. B., não respondeu, D. C. F. disse se apoiar no próprio material adotado pela escola, J. A. C., respondeu que, além de se apoiar no livro didático, recorre, para consulta própria, a Celso Cunha. Assim como V. R. R. que procura se apoiar em várias gramáticas para ensinar a classificação de adjunto adverbial, também M. A. F. procura conhecimento em diversos autores gramaticais como, Ulisses Infante, Roberto Melo Mesquita, Maria Helena Moura Neves, Luís Carlos Travaglia, Ingedore Kock, Mário Perini, Roxane Rojo, Graça Paulino e Rodolfo Ilari. Embora F. C. S. R. consulte a gramáticas, quando se depara com alguma dúvida, ele não tem o hábito de consultá-las: “Trato a gramática como um dicionário.”. Já M. B. S. X. não citou nenhuma obra em que pode se apoiar, mas disse que “a forma como as gramáticas abordam os conteúdos, é muito pouco diversificada”.

Na antepenúltima pergunta: “Como você avalia a classificação de adjunto adverbial apresentada nas gramáticas de língua portuguesa?” F. C. S. R. e C. L. K. B. não responderam, J. A. C. disse ser algumas vezes um pouco confusa, M. A. S. X. retrata a falta de contextualização das gramáticas ao abordar tal assunto, dependendo, de forma bem direta, da criatividade do professor para ensinar tal assunto. Já V. R. R.: “Ela se adequa ao contexto em que é apresentada.”. M. A. F., uma das representantes da rede municipal, disse que as regras são as mesmas, porém o que muda são os textos apresentados para exemplificar. D. C. F. se mostra ciente das diversas classificações sobre tal assunto e diz utilizar as mais básicas para não causar espanto e confusão no entendimento dos alunos.

Na questão: “Por que estudar adjunto adverbial nas aulas de língua portuguesa?”, C. L. K. B. não respondeu, F. C. S. R. disse que “quando se quer perder tempo, ou enrolar, podemos passar a esse estudo.”, D. C. F. dedica poucas aulas com esse assunto, pois não vê tanta relevância no assunto. M.A.F. respondeu com perguntas do tipo “Por que não ensinar? A gramática é tão ruim assim? Nós aprendemos os meandros da língua sem a gramática? Quando produzimos textos não utilizamos os meandros gramaticais?”. V. R. R. respondeu da seguinte maneira: “Porque os alunos buscarão continuar seus estudos ou tentarão entrar no mercado de trabalho e certamente deverão submeter-se a exames e concursos em ambos os casos.”. M. B. S. X. disse que esse estudo irá auxiliar o aluno durante a leitura e escrita, sendo assim, ele poderá verificar quando ocorreu os fatos, “O uso do adjunto adverbial ajuda no esclarecimento daquilo que se pretende comunicar.”. Enfim, J. A. C. disse ser importante estudar adjuntos adverbiais, pelo fato de ser um termo recorrente na língua.

Na última pergunta do questionário: “Que critérios você utiliza para a escolha de uma gramática de apoio?”, têm-se respostas como linguagem clara e acessível, gramáticas que priorizem a contextualização dos conteúdos, gramáticas atualizadas, gramáticas consideradas mais adequadas, coerentes, conhecimento do autor sobre o assunto, autor de renome, autores mais populares e autores com credibilidade.

## **5. Considerações finais**

A investigação realizada permitiu não só entender a abordagem que as gramáticas têm do termo sintático adjunto adverbial, como também verificar, por meio de entrevistas, o comportamento de docentes diante do ensino desse assunto controverso.

Levando em consideração essa ampla abordagem, verifica-se rica variedade de fontes que, conseqüentemente, levam o docente a diferentes formas de classificação do adjunto adverbial em sala de aula. Acredita-se que é nesse jogo de múltiplas formas de abordagem, tanto dos gramáticos quanto dos professores, que ocorre o ensino-aprendizado.

Além dessas considerações, esta pesquisa permitiu fazer asseverações que serão elencadas a seguir.

Percebeu-se que treze dos dezessete gramáticos analisados percorrem uma linha de raciocínio próxima quanto ao conceito do termo sintático.

Há ampla classificação do termo sintático e somente onze dos dezessete gramáticos enfatizam tal amplitude. Ainda nessa perspectiva, o número de classificações se mostra oscilante, não se limitando à data, e que, além disso, os tipos de adjuntos adverbiais de causa, lugar e tempo são os mais recorrentes.

Agora, em se tratando da importância da preposição e seu poder de atuar sobre o sentido do adjunto adverbial, apenas seis dos dezessete gramáticos evidenciam esse fato.

Considerando-se o caso da subdivisão dentro da classificação do adjunto adverbial de lugar, cumpre dizer que Almeida (1988), Bechara (2009), Cunha e Cintra (2008) e Rocha Lima (1972) são os únicos que chamam a atenção para essa subclassificação.

Outra conclusão que se tem acerca do assunto estudado é que Aquino (2007) é o único autor que destaca a palavra “que” como adjunto adverbial de intensidade. Já Azeredo (2008) menciona o uso redundante dos adjuntos adverbiais na linguagem coloquial. Por outro lado, tem-se Carvalho (2007) que se demonstra preocupado com a possível confusão entre termos sintáticos: adjuntos adverbiais e objetos indiretos ou entre adjuntos adverbiais e predicativos. Acrescenta Sacconi (1996), com a observação relativa ao gerúndio, que, quando exprimir modo, consequentemente, tratar-se-á de um adjunto adverbial de modo e não de uma oração desenvolvida.

Por fim, cumpre dizer que a postura dos docentes em recorrer às gramáticas para subsidiar as aulas de língua portuguesa leva a novos conhecimentos, já que muitas bibliografias trazem consigo não só o assunto, mas outras observações de suma importância.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 35. ed. São Paulo: Saraiva, 1988.

AQUINO, Renato. *Gramática objetiva da língua portuguesa*: inclui 800 exercícios com gabarito comentado. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática da língua portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BRASIL. Portaria n. 36, de 28 de janeiro de 1959. *Nomenclatura Gramatical Brasileira*. Disponível em: <<http://people.ufpr.br/~borges/publicacoes/notaveis/NGB.pdf>>. Acesso em: 27-04-2011.

CAMPEDELLI, Samira Yousseff; SOUZA, Jésus Barbosa. *Gramática do texto: texto da gramática*. São Paulo: Saraiva, 1999.

CARVALHO, José Augusto. *Gramática superior da língua portuguesa*. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2007.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 48. ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 2008.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Gramática reflexiva: texto, semântica e interação*. São Paulo: Atual, 1999.

CIPRO NETO, Pasquale; INFANTE, Ulisses. *Gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Scipione, 1999.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto. *Gramática*. 19. ed. São Paulo: Ática, 2005.

GIACOMOZZI, Gilio; VALÉRIO, Gildete; FENGA, Cláudia Molinari Reda. *Estudos de gramática*. São Paulo: FTD, 1999.

LEITE, Marli Quadros. *O nascimento da gramática portuguesa: uso & norma*. São Paulo: Paulistana; Humanitas, 2007.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. 3. ed. Porto Alegre: Globo, 1979.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 15. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

SACCONI, Luiz Antonio. *Nossa gramática: teoria e prática*. 20. ed. São Paulo: Atual, 1996.

SAVIOLLI, Francisco Platão. *Gramática em 44 lições*. 27. ed. São Paulo: Ática, 1995.

TERRA, Ernani; NICOLA, José de. *Gramática & literatura para o 2º grau*. São Paulo: Scipione, 1993.